

Informe Econômico

■ CRISTIANO ROMERO



FMI: decisão só em dezembro

Ricardo - Brasil

O governo ainda não decidiu se vai abrir mão da próxima parcela do empréstimo acertado com o Fundo Monetário International (FMI). Quem informa é o ministro da Fazenda, Pedro Malan. "Nós continuamos avaliando isso, mas só vamos tomar a decisão no momento oportuno. Temos prazo até 2 de dezembro para decidir", disse o ministro em entrevista à coluna.

Malan rejeita, com veemência, a idéia de que a missão técnica do Fundo que chegou ao país no último domingo veio para fixar as metas de desempenho da economia brasileira para o próximo ano. "Não é o FMI que determina isso. Tudo o que está sendo feito foi proposto pelo governo brasileiro. Atribuir isso ao Fundo talvez seja complexo de inferioridade, dependência cultural", diz o ministro.

Em agosto, o Brasil havia deixado de sacar US\$ 2,3 bilhões do pacote financeiro acertado com o FMI. O que levou a essa decisão foi a sensível melhora ocorrida nas contas externas, favorecida pelo aumento da confiança dos investidores estrangeiros no país. Em entrevista ao JB, o diretor da Área Internacional do Banco Central, Daniel Gleizer, chegou a admitir a possibilidade de o país não sacar mais recursos do empréstimo do Fundo. Se não fazer isso terá deixado de sacar US\$ 4,8 bilhões do que tinha direito no pacote inicial.

"Pode ser que essa seja uma opinião pessoal do Daniel. Pode ser até que cheguemos a essa conclusão. É bom lembrar que, no caso do BIS (o banco central dos bancos centrais), já até começamos a pagar o empréstimo. Mas, por enquanto, continuamos avaliando", ponderou Malan. O importante para o governo, na avaliação do ministro, é mostrar a sustentabilidade do balanço de pagamentos do país nos próximos anos.

De fato, para 2000, a situação das contas externas mostra-se favorável. O governo está prevendo redução de cerca de US\$ 20 bilhões nos pagamentos ao exterior em relação a este ano – amortização e juros da dívida devem chegar a US\$ 47 bilhões em 1999. A balança comercial, que no ano passado fechou com déficit de US\$ 6,5 bilhões, deve registrar, segundo Malan, "um pequeno déficit" neste ano e, no ano 2000, um superávit de US\$ 5 bilhões.

O ministro lembra ainda que, em 1999, o déficit em conta corrente do país, que deve ficar US\$ 8 bilhões abaixo do registrado em 1998, está sendo inteiramente financiado pelos investimentos diretos. Os estrangeiros têm vindo para cá atraídos, principalmente, pela queda do valor das empresas em dólar, provocada pela desvalorização. Se não acontecer nenhuma catástrofe no mercado mundial, a tendência é que os investimentos diretos aumentem em 2000, puxados essencialmente pelas privatizações que não aconteceram este ano.